



Entrevista coletiva concedida pelo presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, após cerimônia de comemoração do aniversário de 110 anos da Klabin

Telêmaco Borba-PR, 14 de abril de 2009

Jornalista: (incompreensível)

Presidente: ...você é meu companheiro ou é companheiro dele? Você tem que decidir, meu filho. Deixem-me falar uma coisa: eu acho que todas as cidades podem contar. Qual é o problema que nós temos no Programa? É que esse Programa visa um foco muito especial nos grandes centros urbanos, em função do processo de degradação em que vivem as pessoas dos grandes centros urbanos, sobretudo nas favelas e nas palafitas. Mas todos os prefeitos, empresas ou sindicatos que tiverem bons projetos, nós não vamos deixar de atender um projeto, porque o que nós queremos é construir 1 milhão de casas. Eu mesmo disse ao prefeito de Telêmaco Borba que ele poderia conversar com a direção da Klabin e pensar um projeto habitacional para suprir os problemas de deficiência habitacional aqui. E a Caixa tem recursos para financiar.

Jornalista: ...mudança no Código Florestal brasileiro (incompreensível)

Presidente: Isso é uma discussão que eu acho que vai levar algum tempo. O que é importante é que todo mundo hoje no Brasil, seja empresário, seja trabalhador, sejam os ambientalistas, sejam as ONGs, todo mundo tem clareza de que o fato de se cuidar corretamente da floresta, o fato de se ter uma boa política de florestamento correta e o fato de se trabalhar corretamente o manejo da própria floresta, quando tiver que cortar, são condições fundamentais para que o Brasil ganhe mais credibilidade no exterior e para que o Brasil possa,



trabalhando com madeira certificada, ganhar credibilidade e respeitabilidade no exterior. Todo mundo sabe que isso é uma vantagem comparativa para o Brasil, não é aquele negócio de cada um querer levar vantagem sobre o outro, é o momento de todo mundo começar a perceber onde é que o Brasil ganha, que o meio ambiente ganha e que a economia ganha.

Jornalista: (incompreensível) ...dívida dos municípios com o INSS...

Presidente: Veja, você toma um remédio para cada vez. Não há nenhuma razão para o prefeito apertar o cinto, não. O ano passado foi um ano primoroso do FPM. E nós, em um momento de crise em que todos têm que perder, todos, porque o governo federal está perdendo, nós estamos garantindo que nenhum prefeito do Brasil vai receber menos do que recebeu no ano passado. É uma conquista extraordinária, eu acho que nenhum prefeito imaginava que pudesse conquistar isso. E nós fizemos isso porque entendemos que é pelas prefeituras por onde passam os primeiros problemas da população. Então, o prefeito tem que ter o mínimo de recursos para poder cuidar corretamente dos municípios.

Jornalista: (incompreensível)

Presidente: Veja, não é um pacote de ajuda. Na verdade, o que nós estamos fazendo é repartir um pouco o sacrifício, da mesma forma que nós repartimos a bondade. Se vocês analisarem a situação das prefeituras brasileiras, perguntem para qualquer prefeito se nos últimos dez anos eles receberam a quantidade de recursos que receberam nos últimos cinco anos. É só vocês pegarem o FPM de 2005, 2006, 2007 e 2008, que vão perceber o crescimento extraordinário que teve. No momento em que eles estavam habituados a ter um pouco mais de recursos, e vem a crise econômica e por isso diminui - e diminui, sobretudo, no mês de janeiro, fevereiro e março – nós, então, estamos



fazendo essa reposição e garantimos a eles que, se perderem em outros meses, nós iremos fazer a reposição mês a mês, porque nós não queremos que o governo federal esteja bem e os prefeitos estejam mal. Da mesma forma, nós queremos discutir a situação de cada estado, para ver se nós ajudamos os estados a terem fôlego para respirar enquanto há crise. A nossa tese é que se todo mundo estiver bem, quando essa crise for debelada, o Brasil vai dar um salto de qualidade, à frente de todos os países.

A última pergunta, porque se lá estava quente, aqui está mais quente ainda.

Jornalista: (incompreensível)

Presidente: Não, não existe pacote, minha filha, pacote só com papel Klabin... Não, não... Eu já determinei que o ministro do Planejamento, a ministra Dilma, e o ministro da Fazenda vão conversando com os governadores. Nem todos os estados estão no sufoco, uns estão mais do que outros, e nós temos que ir ajudando aqueles mais necessitados.

A última pergunta, para eu ir embora.

Jornalista: Por que é tão difícil destravar a máquina pública?

Presidente: Veja, porque ela é secular, ela está mais ou menos equiparada à Igreja Católica, às Forças Armadas do mundo, elas são coisas muito estruturadas. E não é no Brasil não. Vá à França, vá à Itália, vá a Israel, vá aos Estados Unidos para você ver o que é máquina pública, o que é entrave. O Obama, até agora, não conseguiu indicar o segundo cara da área econômica dele, porque tem que passar pelo Senado. Pensa que é só no Brasil? Isso é duro na democracia. Na democracia, na hora em que a gente resolve cumprir



todos os rituais democráticos as coisas ficam mais difíceis, mas também são mais sólidas.

A última pergunta, gente, pelo amor de Deus.

Jornalista: Qual é, na avaliação do senhor, o efeito do pacto republicano no trabalho da Polícia Federal e no Ministério Público?

Presidente: O Pacto é um passo importante naquilo que a gente chama de facilitar o uso do Judiciário pela sociedade brasileira. Nós já tínhamos feito o primeiro Pacto, que deu passos importantes, e agora nós vamos cuidando aos poucos das outras instituições, porque nós não queremos que nenhuma instituição esteja acima da sociedade ou que não sirva bem à sociedade. Na medida que se cria uma Secretaria Especial para isso, ligada ao Ministério da Justiça, na medida em que se envolve os Três Poderes, as chances de se aprovar as mudanças são infinitamente maiores. Por isso eu estou otimista, porque o primeiro já foi um sucesso, o primeiro Pacto, e o segundo deve ser o mesmo sucesso, e vamos andando.

E no mais, até outro dia.....

(\$31EGJLP)